

O Seminário “Museus, Identidades e Patrimônio Cultural” – MAE/USP

Marília Xavier Cury¹
Fabíola Andréa Silva²

Introdução

O Seminário “*Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*” foi idealizado a partir de uma convergência e integração de interesses e atividades dos profissionais das áreas de Etnologia, Arqueologia, Museologia e Educação, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE/USP. Esta equipe de profissionais tinha por objetivo organizar um debate interdisciplinar sobre diferentes assuntos relacionados com o que se convencionou chamar de “processo curatorial nos museus”. Este processo pode ser entendido como sendo o conjunto de atividades levadas a cabo nos museus e que envolvem a formação e aquisição de coleções, a documentação, a conservação, a pesquisa e as atividades educativas e expositivas de divulgação dos conhecimentos produzidos sobre as coleções e seus coletores. Além disso, os pesquisadores visavam refletir sobre a própria instituição chamada Museu. Ou seja, sobre sua história de formação, seu papel político e social e sua relação com os diferentes públicos que a frequentam e/ou estão representados nos seus acervos.

O Seminário conseguiu ao fim e ao cabo enfatizar o caráter educacional dos museus universitários e, ao mesmo tempo, evidenciar que os museus são locais de conservação e produção de

conhecimentos sobre as mais diferentes manifestações culturais. O que se procurou demonstrar, em última instância, é que “O Museu é Vivo!”

O papel dos museus e a razão do Seminário “*Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*”

Desde o tempo dos chamados “Gabinetes de Curiosidades”, muitas coisas têm se transformado no que se refere à percepção do que sejam os museus antropológicos. Esta mudança tem a ver com a própria dinâmica da disciplina antropológica que como sugerem Gordon e Silva (2005:94-95) apresentaria *grosso modo* três momentos distintos: o período pré-moderno que se caracterizaria pela ênfase numa orientação teórica evolucionista e marcada por trabalhos em arquivo, pela pesquisa documental e pelo colecionismo; o período moderno, onde o trabalho de campo etnográfico foi extremamente valorizado e o estudo de coleções etnográficas se deu em torno de um debate sobre a relevância das mesmas e a respeito da sua organização e formas de classificação; o período pós-moderno quando a própria pesquisa e a escrita etnográfica foram submetidas a críticas e os museus foram acusados, veementemente, de terem sido os instrumentos e atuais testemunhos do colonialismo.

Depois de todas estas vicissitudes da disciplina antropológica, a posição dos museus e dos seus acervos vêm se transformando a cada dia. As atividades museológicas têm adquirido um fôlego renovado nestas últimas décadas. Há hoje um interesse crescente no estudo e formação de coleções, na elaboração e execução de exposições etnográficas, nas práticas educativas

1 Museóloga. Chefe da Divisão de Difusão Cultural. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.

2 Antropóloga. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.

nos museus e na sua visitação. Segundo Antonio Augusto Arantes Neto (2005):

“Esse quadro, que se observa em quase todo o planeta, vem-se configurando com clareza também no Brasil. É verdade que, em grande medida, ele se deve a mudanças profundas na dinâmica cultural, relacionadas à mundialização da produção cultural e ao desenvolvimento tecnológico, que são processos de âmbito global. Um volume significativo de recursos técnicos e financeiros tem sido investido com o objetivo de responder à crescente demanda de ampliar os horizontes artísticos e intelectuais do país, em particular no campo das atividades museológicas, inserindo o Brasil nesse amplo movimento. Mas, provavelmente, teríamos recebido apenas o pior da *massmediatização* e os ecos longínquos desse avanço intelectual não fosse o empenho dos profissionais e o investimento das instituições que vêm construindo essa área de atividades entre nós”

Outro aspecto fundamental a ser considerado é que nestes tempos da *massmediatização* têm proliferado os movimentos em defesa dos patrimônios materiais e imateriais indígenas e se torna premente a realização de pesquisas que visem documentar e registrar as manifestações culturais destas populações (Gallois, 2006). Os processos de transformação cultural a que estão sendo submetidas estas populações também faz com que a manutenção de acervos etnográficos, especialmente nos museus antropológicos, seja uma tarefa importante para os profissionais inseridos nestes contextos. Como já vem sendo observado, estes acervos servem como fontes de resgate de memórias e conhecimentos tradicionais. Várias populações indígenas têm procurado os museus para encontrar objetos e técnicas por vezes esquecidas ou abandonadas no seu cotidiano, mas cujos significados ainda permanecem em outros objetos e em outros modos de fazer.

Foi por percebermos e estarmos inseridos - enquanto profissionais de museu - neste contexto de transformações que pensamos em realizar o Seminário “*Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*”. Ele teve sua primeira proposta articulada pela Divisão de Difusão Cultural do MAE/USP, responsável pelas atividades

de extroversão dos conhecimentos produzidos no âmbito do museu, através de exposições e ação educativa cultural. Seu contorno final, no entanto, começou a se consolidar quando foi formada uma equipe interdisciplinar (etnóloga, museóloga, educadores) que elencou os temas ligados à discussão antropológica (p.ex. diversidade cultural, alteridade, identidade e tolerância cultural) e ao alcance educacional dos museus, para darem sustentação à discussão pretendida no mesmo.

O formato do Seminário “*Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*” pretendeu possibilitar que os seus participantes compartilhassem experiências e visões distintas sobre as práticas museológicas, em especial, sobre a formação e a pesquisa de coleções etnográficas e os processos de extroversão deste conhecimento. Em função disso, palestrantes de diferentes áreas do conhecimento foram convidados a participar do evento: antropólogos, historiadores, arqueólogos, educadores e museólogos.

A organização do Seminário “*Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*”

Organizamos o Seminário em mesas redondas com temáticas específicas a fim de permitir a exposição dos diferentes pontos de vista dos profissionais sobre as questões propostas e fomentar o debate interdisciplinar entre os mesmos e o público.

Mesa 1: História dos museus na interface com a Antropologia

A relação dos museus com a pesquisa antropológica se estabeleceu desde os primórdios da antropologia evolucionista e se estende

até os dias atuais. Ao longo deste período essa relação atravessou distintos momentos. Primeiro, de complementaridade, em função das perspectivas da antropologia evolucionista e, mais tarde, da antropologia boasiana. Depois, num segundo momento, de afastamento devido ao surgimento do funcionalismo britânico e a ênfase na pesquisa de campo etnográfica. Finalmente, num terceiro momento, de crítica com os chamados antropólogos pós-modernos que viam os museus como instrumentos do colonialismo ocidental. Hoje, este panorama vem se alterando e uma revalorização dos museus e dos seus acervos tem sido observada. O objetivo desta mesa foi, então, reunir pesquisadores para discutir as diferentes facetas desta relação histórica entre os museus e a disciplina antropológica, assim como evidenciar uma trajetória de formação de coleções etnográficas no decorrer dos tempos.

Mesa 2: Acervos etnológicos e curadoria científica

O objetivo desta mesa foi o de discutir aspectos sobre a formação e o estudo de acervos etnológicos e as interações possíveis com as demais ações do processo curatorial, visando à preservação e comunicação nos museus.

Mesa 3: Exposição antropológica

Nos dias atuais, ocorre uma grande valorização da comunicação pública das coleções etnográficas por meio de exposições. De fato, a exposição é meio de comunicação primordial dos museus, porque propicia, para a instituição e o público, uma discussão democrática sobre a problemática etnográfica e sobre o papel dos museus antropológicos na contemporaneidade. O objetivo desta mesa, portanto, foi discutir as

questões, conceitos e argumentos antropológicos que sustentam as retóricas narrativas expositivas e os argumentos museológicos que dão suporte à comunicação e à recepção de coleções etnográficas. Igualmente, se pretendeu elucidar os sujeitos/atores envolvidos nos processos etnográficos, ou seja, o etnólogo, o museólogo e representantes de grupos indígenas e outros.

Mesa 4: Salvaguarda patrimonial e educação em museus

Esta mesa procurou dar continuidade às discussões anteriores, agora com os aportes da salvaguarda e educação patrimoniais. Assim, teve como objetivo discutir a problemática da conservação preventiva e documentação museológica de acervos etnográficos e refletir sobre questões, conceitos e argumentos educacionais presentes nos discursos museológicos. Igualmente, procurou-se elucidar a diversidade cultural manifesta nas exposições e ações educacionais e na recepção de museus antropológicos.

Mesa 5: Museus, identidades e patrimônio cultural

Os museus antropológicos são espaços institucionais com papéis específicos nas discussões sobre identidades e patrimônio cultural. No que se refere às identidades culturais, cabe aos museus discutir a sua participação nas construções das múltiplas identidades. No que se refere ao patrimônio, este é um conceito múltiplo (tangível e intangível, natural e cultural, sobrenatural, genético, etc), em transformação (resultante de prática social) e base para a construção da memória social (conjunto de práticas e representações) o que torna a discussão sobre patrimônio essencial para os museus antropológicos.

A partir destas mesas nosso objetivo com o Seminário “*Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*” foi: 1) refletir sobre o papel social das coleções etnográficas musealizadas; 2) discutir processo curatorial como conjunto de ações integradas e integrantes da sinergia dos museus; 3) elucidar a participação dos museus antropológicos nos processos de construção da memória e das identidades culturais; 4) discutir conceitos de patrimônio cultural; 5) discutir sobre os usos que os públicos fazem dos museus antropológicos; 6) pensar tópicos para uma política para os museus universitários.

Assim, a organização das mesas seguiu a lógica do que entendemos por “processo curatorial” Ou seja, tratou da história institucional na interface com o processo de formação de acervos, da curadoria científica de coleções etnográficas, da salvaguarda e comunicação patrimoniais e dos conceitos de identidade, memória e patrimônio cultural.

Os palestrantes, o público e a receptividade do evento

Conforme já foi dito anteriormente, convidamos palestrantes de diferentes áreas de conhecimento (arqueólogos, antropólogos, etnólogos, museólogos, educadores) e com experiências distintas com relação ao que chamamos de “processo curatorial” e isto poderá ser observado nos textos que compõem esta publicação. Esta diversidade de formações e de perspectivas de pesquisa resultou em um debate extremamente profícuo e denso. Ao mesmo tempo, o diálogo interdisciplinar se fez de maneira plena e foi muito bem recebido pelo público que em todas as sessões se manifestou através de perguntas, colocações e depoimentos.

O público que assistiu ao Seminário foi bastante diversificado e oriundo de diferentes instituições. O número de inscritos foi de 54 e destes, 35 eram estudantes de Graduação dos cursos de Artes Plásticas, História, Ciências Sociais, Letras e Educação. Além dos estudantes também participaram do evento pesquisadores e técnicos de diferentes instituições (DPH, Museu Instituto Adolfo Lutz, Museu da Imagem e do Som, Instituto Raízes Cultura Brasileira, IEHLATUR, Museu Paulista, Pinacoteca São Caetano do Sul) e profissionais de Relações Públicas e Arquitetura.

Sem dúvida, o objetivo do Seminário “*Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*”, de atingir um público diversificado de profissionais de museus, estudantes, professores do ensino fundamental e médio, bem como de profissionais de áreas afins, foi plenamente alcançado.

Cabe ressaltar que ao final do evento várias pessoas do público e, especialmente, os palestrantes acenaram para a necessidade de se fazer uma nova edição do mesmo dada a profundidade e importância dos temas e discussões.

Referências Bibliográficas:

- ARANTES NETO, A. Prefácio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Museus)*, 31. 2005.
- GALLOIS, D. (Org.). *Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas. Exemplos no Amapá e norte do Pará*. Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena. 2006
- GORDON, C. & SILVA, F.A. Objetos vivos: a curadoria da coleção etnográfica Xikrin-Kayapó no Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 36:93-110. 2005